



## Reflections on the process of doctoral training: a pilgrimage

# Reflexões sobre o processo de formação doutoral: uma peregrinação

RAMOS FILHO, Augusto Ferreira<sup>(1)</sup>

<sup>(1)</sup>  0000-0001-8375-4024; Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Doutor em Administração pela UFPB, BRAZIL. [augusto.filho@uneal.edu.br](mailto:augusto.filho@uneal.edu.br)

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

### ABSTRACT

This is a text-interview. An experience report from my journey as a doctoral student. In this text, the doctoral path is compared to a pilgrimage. In this metaphor there are pilgrims, guides and walkers. Based on the trials of a teacher-guide, I was encouraged to interview a more experienced guide and better understand how to go through the path of obtaining a doctorate. The reflective argument is personal, but guided by a semi-structured interview with a senior researcher and participant observations. The interview was based on four stages, namely: structural aspects of a thesis, relational and behavioral aspects, post-thesis and personal reflections. The questions were related both to questions in the context of doctoral training and to the meaning of the process of writing a thesis. In short, the processes of preparing a thesis can be summarized in premises, assumptions, hypotheses, problems and objectives, while behavioral issues are fragmented by subjectivism and the imposition of the academic environment.

### RESUMO

Este é um texto-entrevista. Um relato de experiência a partir do meu caminhar como doutorando. Neste texto, o percurso doutoral é comparado a uma peregrinação. Nesta metáfora há peregrinos, guias e caminhantes. A partir das provações de um professor-guia, fui encorajado a entrevistar um guia mais experiente e compreender melhor como se percorre o caminho de obtenção do título de doutor. O argumento reflexivo é pessoal, mas balizado por uma entrevista semiestruturada com um pesquisador sênior e por observação participante. A entrevista se fundamentou em quatro etapas, a saber: aspectos estruturais de uma tese, aspectos relacionais e comportamentais, pós-tese e reflexões pessoais. As perguntas se relacionavam tanto a questões do contexto da formação doutoral quando ao significado do processo de elaboração de uma tese. Em suma, os processos de elaboração de uma tese podem ser resumidos em premissas, pressupostos, hipóteses, problemas e objetivos, ao passo, que as questões comportamentais estão fragmentadas pelo subjetivismo e pela imposição do ambiente acadêmico.

### INFORMAÇÕES DO ARTIGO

#### *Histórico do Artigo:*

Submetido: xx/xx/202x

Aprovado: xx/xx/202x

Publicação: xx/xx/202x



#### **Keywords:**

Report, Doctoral training, Interview.

#### **Palavras-Chave:**

Relato, Formação doutoral, Entrevista.

## **Momento Inicial**

Este é um texto-entrevista formatado como um relato de experiência. Foi pensado a partir de uma abordagem qualitativa balizado pela ótica do pragmatismo humanista radical. É um texto escrito para doutorandos e doutores que, em primeira pessoa, em estilo narrativo, ensaia sobre o processo de formação doutoral. É um texto fundamentando em dois métodos de coleta de dados: entrevista semiestruturada com um pesquisador sênior e observação participante. A entrevista narrada ao longo deste ensaio buscou encontrar o percurso de construção de um trabalho de tese. A observação participante me proporcionou a oportunidade de refletir sobre o processo, uma vez que, à época, era doutorando e vivenciava todas as etapas aqui narradas.

Ao longo deste artigo, o leitor se deparará com a metáfora da peregrinação como um processo de formação doutoral. Em outras palavras, com uma caminhada que possui um local subjetivo de início e outro de término. O início é a disciplina de Seminários de Tese que reuniu, pela primeira vez, toda minha turma de doutorado. O término, a defesa da tese e obtenção do título de doutor. Outros personagens surgem ao longo da narrativa. Os peregrinos são os doutorandos, os guias são os professores e orientadores e os caminhantes, as pessoas que contribuem de forma indireta para todo o processo (família, amigos, servidores administrativos da universidade, entre outros). O aparecimento dos personagens no texto não possui muitas explicações, permitindo ao leitor classificá-los e interpretá-los a partir de suas vivências pessoais.

Ainda que muitos autores se debruçaram sobre o processo doutoral e seus desafios, a saber: Bianchetti e Machado (2006), Cones e Foster (2006), Eco(2007), De-Miguel (2010), Doloriert et al (2012), Monebhurrun e Varella (2013), optei por não utilizá-los ao longo do texto. Essa decisão foi baseada no entendimento de que cada peregrino caminha da forma única e ainda que possa existir semelhanças no processo de formação doutoral, este, geralmente, é solitário.

## **Primeira Parada: aspectos estruturais de uma tese**

Eu iniciei as aulas de Seminário de Tese bastante entusiasmado. De certo modo, este entusiasmo se compara com os preparativos para uma peregrinação especial, aquela que traria as respostas que tanto incomodaram a minha existência: De onde vim? Para onde vou? Qual é o propósito disto tudo? Este tempo de isolamento foi preparado com muito cuidado: estudo das geografias, rotas e principalmente das lições aprendidas por aqueles que percorreram as mesmas trilhas.

Quando cheguei à primeira parada, o ponto inicial da peregrinação, percebi que todos os que percorreriam os caminhos desta sinuosa senda comigo, apenas se cumprimentaram e logo partiram individualmente pelas trilhas pré-definidas. A disciplina de Seminários de Tese foi um albergue durante os primeiros meses de caminhada, pois reuniu todos os doutorandos

em um mesmo tempo e espaço. Claro que conhecia a todos, mas o contato mais próximo foi restrito devido ao tempo e principalmente a velocidade com que cada um estava caminhando.

Outra motivação me fascinava para a disciplina, sendo esta escondida, guardada em segredo para nunca ser revelada, pelo menos, até agora. Ouvi falar muito bem do professor Petrus<sup>1</sup> e de sua capacidade de traduzir conceitos complexos em provocações que estimulavam a aprendizagem. Na verdade, a primeira pessoa a comentar sobre o professor Petrus foi minha orientadora de mestrado. Segundo ela, ele “é muito bom”. Como minha relação com ela foi extremamente positiva, ao ponto de vê-la como um modelo digno a ser replicado, suas palavras sobre o professor Petrus ecoaram profundamente em minha essência e desejei veementemente que ele pudesse ser o meu orientador. Minha antiga orientadora não estava errada, o professor que tive a oportunidade de conhecer durante a disciplina era tudo e muito mais do que eu poderia esperar: um docente vocacionado e um pesquisador competente.

Para minha surpresa, a peregrinação se tornou muito diferente do que antecipei. A caminhada era majoritariamente solitária e muitas vezes não tinha com quem conversar, partilhar os medos, anseios, conquistas, mesmo que por apenas um dia. Seminário de Tese era o momento de respirar mais profundamente, parar para refletir sobre as lições apreendidas e compartilhar experiências com os outros peregrinos e com o guia que estimulava o debate, a aprendizagem e principalmente a autorreflexão para a transmutação das dores nas articulações e das bolhas dos pés.

O guia, além de proporcionar um encontro com peregrinos que chegaram até o final da peregrinação, estimulou a investigação da peregrinação do processo de formação doutoral a partir do olhar de outros guias. Na verdade, esta designação me fez sair um pouco da rota habitual, a rota sinalizada, para explorar outras belezas e novas perspectivas. Como a escolha era livre, optei por perceber a formação doutoral a partir do olhar do professor João<sup>2</sup>. Esta escolha foi motivada por duas razões. Primeiro porque me colocaria em uma posição de entender, a partir do olhar do professor, as expectativas que ele tem em relação à construção de minha tese. Segundo porque me permitiria tocar, mesmo que de forma superficial, a subjetividade de quem João era, de onde ele falava e principalmente, o esboço da realidade por ele construída. O registro parcial dessa entrevista será compartilhado ao longo desse relato.

O encontro com João foi muito importante para minha formação. Nossa conversa abordou três grandes temáticas, a saber: aspectos estruturais da tese; aspectos relacionais e comportamentais; aspectos pós-tese. A voz de João é compassada, reflexiva, fruto de uma experiência que engloba mais de 150 artigos completos publicados em periódicos, mais de 10 livros publicados e/ou organizados, mais de 34 capítulos de livros publicados, 42 orientações de dissertações e 27 orientações de tese. É a voz da experiência que clama do deserto.

Iniciei a conversa sobre os aspectos estruturais da tese. Caminhei parte de minha peregrinação com professor João e ele me contou que um problema de pesquisa, o *roadmap* da tese, é fruto do olhar sagaz do pesquisador em determinar a premissa ou definição de hipótese(s). Para ele esta é uma relação de causa e efeito entre constructos ou fenômenos que demanda maior incorporação de base teórica e conceitual e de maior vinculação com o fenômeno ou objeto de estudo. Ele ainda afirma que os elementos que compõe uma boa tese são originalidade e contribuição. Mais uma vez ele reforça a ideia das “relações de causa e efeito que podem ser criadas entre construtos”. Ainda que não abertamente revelado, o professor João possui um viés mais positivista de pensamento uma vez que as palavras “causa e efeito” apareceram quatro vezes em suas falas de forma combinada.

Em relação à introdução da tese, professor João apresentou uma contribuição pontual para minha formação. Marcado pelo funcionalismo, ele apresenta o conteúdo de uma tese em passos: 1 – Contextualização do fenômeno; 2 – Justificativa das escolhas do(s) modelo(s) teórico(s); 3 – Apresentação do argumento de tese (razões para realização do estudo); 4 – Menção dos procedimentos metodológicos. Durante algum tempo eu assumi intimamente uma abordagem mais interpretativista, pois me interessei pela compreensão das relações, interações, suas (re)configurações, pela questão do masculino e de sua sacralidade. Para minha surpresa em um processo meditativo cheguei à conclusão, para meu espanto, que tinha uma mente funcionalista, um raciocínio ordenado e que tinha dificuldades em administrar contingências ou roteiros não-planejados. Isto é tão verdade para meu viés pesquisador quanto para minha vida pessoal. Esta descoberta, de certo modo, me aproximou do João.

Em continuação a exploração do território da peregrinação pela experiência de outro guia, descobri que João defende que a contribuição de uma tese deve, pelo menos idealisticamente, deveria unir questões teóricas e práticas. Em outras palavras, que seja aplicável e que possa “ter a possibilidade da sua continuidade”. Professor João parece adotar uma abordagem de continuidade, ou seja, da comensurabilidade paradigmática. Este ponto é interessante, pois revela o paradigma do pesquisador, mais uma vez repetida em sua fala “então a grande questão aí do pós-tese, na verdade, é a sua possibilidade de continuidade”. Esta fala me colocou em uma posição reflexiva: qual o meu paradigma preferencial? Será continuidade? Descontinuidade? Minha visão paradigmática abarca a possibilidade tanto de continuação quanto de descontinuação.

Neste aspecto, percebo que ainda que minha predileção seja pelo funcionalismo, tento me colocar aberto para possibilidades. Esta frase parece se contradizer com a afirmação no parágrafo anterior quando apresento a minha necessidade de ordem e sequência. No entanto, é assim que me sinto: imerso em paradoxos. É como se meu mapa de peregrinação precisasse ser bem definido, mas se um desvio me leva para um lugar desconhecido, porém interessante, eu me permito andar, pelo menos por um momento... andar à deriva e explorar.

A experiência me diz que este deleite não dura muito tempo e que cedo ou tarde, retornarei para o caminho “seguro”. Eu percebo que pouco a pouco eu tenho me desvencilhado da necessidade do mapa. Minha formação em programação neurolinguística, há tempos, me alerta que o mapa não é o território. Eu já ensinei isto para tantos outros, mas ainda não internalizei em minha visão de mundo pessoal. O fato de elaborar este pensamento e compreender esta realidade, me permite, se quiser, descontinuar esta crença que, em minha opinião é limitante. O mapa não é território. Eu acredito nisto. Assim, posso (preciso) mudar este paradigma. Interessantemente, João apesar de afirmar e reafirmar a necessidade da continuidade, reelabora em determinado momento de sua fala a necessidade de descontinuidade quando elucida a evolução da ciência quanto usa a seleção lexical “reconhecer depois de um determinado período de tempo que aquela adaptação não foi a mais adequada”. Neste sentido, ele apresenta um aspecto de descontinuidade, contudo, parece corroborar com a ideia de que ciência boa é ciência que perdura no tempo.

Ao tratar da questão da originalidade, especificamente da inovação conceitual, João, mais uma vez apresenta resposta fundamentada em tópicos. Para ele, há dois aspectos que garantem esta inovação: 1 – Lacunas na área do conhecimento; 2 – Possibilidade de publicação. O primeiro tópico é de fácil compreensão, uma vez que trabalhos acadêmicos de baseiam em lacunas teóricas e/ou práticas. O segundo aspecto só poderá ser verificado após submissão dos artigos, o que geralmente só acontece depois da defesa e aprovação da tese. Ao tratar das questões relativas aos aspectos da escrita do texto, apresenta três elementos fundamentais: 1 – Fluidez; 2 – Concatenação entre as partes do texto; 3 – Subjetividade. Os dois primeiros elementos devem ocorrer durante todo o trabalho, mas principalmente na introdução e conclusões. O terceiro, subjetividade, serve como mediador entre fluidez e concatenação. Segundo João, subjetividade significa “posicionamento do autor”. Esta subjetividade é o caráter crítico, o que deve “obrigatoriamente” estar contido em todo o texto da tese. Ele acredita que é dever do orientador estimular de forma controlada o posicionamento crítico do doutorando(a).

Durante toda a minha vida acadêmica fui informado que não deveria me posicionar, que eu ainda não era capaz de pensar sozinho. No doutorado, ainda que estimulado a pensar e expor minhas ideias, vejo nas aulas, nos artigos de disciplina um *big-brother* acadêmico me vigiando e perguntando de onde eu falo, em quem me baseio, por que escolhi falar sobre aquilo (não pode ser por que eu quero?), qual a minha contribuição, quais as minhas lacunas e quem diz que são lacunas. Ainda não consigo ver esta liberdade descrita por João, para mim é mais como uma pseudoliberalidade, algo que se anseia, mas sem possibilidade atual de operacionalização. Os pesquisadores querem se libertar, mas o ambiente não permite, não está pronto para esta mudança.

Esta liberdade, subjetividade, como antes mencionado, pode ser justificada a partir do posicionamento epistemológico. Segundo João, este posicionamento deve ocorrer durante

todo o texto e não apenas no capítulo de metodologia. Para ele é a epistemologia que lidera o caráter de fluidez, concatenação e de subjetividade do processo de construção de uma tese.

### **Segunda Parada: aspectos relacionais e comportamentais**

O término da primeira parte da entrevista coincidiu com o ponto de chegada da caminhada que havia planejado para aquele dia. Já era hora do almoço. Convidei o professor João para almoçar em um restaurante para peregrinos. Pedi o de sempre, o menu do peregrino: pão, peixes, legumes e vinho. Foi neste momento de maior desconcentração que iniciei a outra parte da entrevista. Confesso que esta era a parte que mais me interessava, pois trataria dos aspectos relacionais e comportamentais. Depois de uns peixes e alguns cálices de vinho perguntei ao professor João se existia um modelo ideal de orientação. Ele riu alto e me respondeu que “não existe modelo ideal pra nada”. A conversa tinha se tornado mais amena, provavelmente por causa do vinho. Aparentemente o velho ditado grego se manifestava em nossa conversa: o vinho sempre fala a verdade. Ainda que não exista um modelo, existe um padrão para João. Este padrão, no entanto, precisa ser flexível, pois cada orientando(a) “têm percepção e formas de vinculação com aquele tema que é muito diferenciado”. Ouvir aquela frase foi um bálsamo para os meus ouvidos, na verdade, para meus sentimentos. Eu também acredito nesta vinculação e subjetividade. Compreendo que fazer leitura da subjetividade do outro demanda interesse, genuíno desejo de tentar ver o mundo pela perspectiva do outro. Neste sentido, vejo o trabalho do orientador como a de um artesão: modela, esculpe, transforma materiais em potencial em verdadeiras obras de arte. João vai além ao refletir sobre orientações. Parece que, para ele, este momento é uma atividade coletiva. Infiro isto a partir de sua fala que demonstra que o ideal seria que cada orientando(a) estivesse vinculado a um grupo de pesquisa. Não apenas para cumprir um *checklist*, mas vinculado a um “grupo de pesquisa que funcione”. A interação entre pessoas com interesses em comuns tem o potencial para acessar e discutir materiais para se tentar “atingir consenso no entendimento da base teórica-conceitual e metodológica” do fenômeno ou do objeto de estudo.

Em seguida questionei sobre como administrar a insegurança durante o processo doutoral. João revela que a insegurança é parte do processo e não há como escapar de seus efeitos. Há, no entanto, segundo ele, uma forma de dirimir suas implicações: participação em grupos de pesquisas atuantes. Ainda que compreenda a importância dos grupos de pesquisa, acredito que o orientador(a), nestes momentos de insegurança, comuns a todos (alguns revelados, outros escondidos) pode domar esta fera através de suas capacidades psicossociais. Quando falo de capacidades psicossociais falo de aconselhamento, aceitação e confirmação. Falo de amizade. Sendo o processo de orientação de caráter relacional, espera-se que amizades se desenvolvam. A amizade possibilita a abertura para que orientando(a) e orientador(a) sintam bem-estar advindas desta interação. Você que lê este texto pode estar se perguntando

se não espero muito desta relação. Talvez você esteja correto. Espero, pois acredito em algo além da instrumentação, dos contratos.

Espero o que deveria ser comum entre as pessoas: relacionamento de respeito, confiança e encorajamento. Apresento o meu lado mais interpretativista, minha parte mais subjetiva. Estou pouco a pouco me acostumando com este reflexo bem diferente de minha mente funcionalista. Parece, afinal, que os orientais estão corretos na sua concepção do *Yin* e *Yang*. Há um pouco de bem no mal e um pouco do mal no bem. Não que funcionalismo ou interpretativismo seja bem ou mal, mas apenas, demonstrar de forma metafórica, que o multiparadigmatismo é possível. Ainda que eu não saiba como isto funcione, parece que está querendo funcionar comigo.

A conversa parte para a evolução do João como orientador. Seu olhar era muito reflexivo, era como se estivesse revivendo toda a sua experiência acadêmica em apenas alguns segundos. Narrou que inicialmente impunha seus interesses de pesquisa aos orientandos(as), mas que evoluiu para uma relação mais participativa. Chegou ao entendimento que a maior evolução foi a “de dar um pouco mais de autonomia e liberdade para uns dos meus orientandos”. A seleção lexical “uns” é muito reveladora, uma vez que esta liberdade não é para todos, mas para alguns.

Ele explica mais na frente que o que determina esta liberdade é o “nível de maturidade” do orientando(a). Na minha experiência, eu não nunca tive liberdade para escolher o que pesquisar. Eu sempre estive atrelado aos interesses do meu orientador(a). O que se mostrou decisivo em minhas outras peregrinações foi o vigor, a paixão que meus guias demonstraram. Esta paixão, em alguns momentos, era tão contagiante que me vi completamente tomado pela mesma paixão do meu guia. Era figurativamente como descrito no poema de São João da Cruz, a noite escura da alma: “Amado com amada, Amada, já no amado transformada”! Eu e meu guia nos tornamos um, completamente confundidos em nossos interesses de pesquisa.

### **Terceira Parada: pós-tese**

Já caminhávamos para nosso recolhimento quando perguntei ao João sobre o processo criativo pós-tese. Ele defendeu, mais uma vez, a questão da continuidade do estudo, da abertura para desenvolvimento do que foi proposto e/ou de sua aplicação e/ou teste. Finalizou afirmando que “ser doutor é antes de tudo ser um pes-qui-sa-dor”. Falou assim mesmo, separando as sílabas como quem fala para não ser esquecido. Ser doutor é ser pesquisador? Eu concordo com o João, mas compreendo, assim como ele, que nem todos querem ser pesquisadores, alguns querem ser professores. Deveria então um professor vocacionado não se submeter ao processo doutoral? Infelizmente, o professor vocacionado não pode responder a pergunta afirmativamente. Ele está inserido em uma rede onde ser doutor ultrapassa o significado apresentado por João, mas se configura como um título simbólico, uma senha para ser admitido nos círculos restritos do ensino superior, especialmente na rede pública.

Já em minha alcova, parei para refletir sobre o dia e principalmente sobre meu encontro com o professor João. Devido à falta de eletricidade, me encontrei iluminado por uma vela. Atentamente olhei para a chama que de forma genuína e espontânea se doava, se consumia para me proporcionar luz. Quantos guias-velas já passaram por minha vida? Não muitos, mas aos que me visitaram, serei eternamente grato por suas contribuições e pela gratuidade com que se esforçaram para que eu pudesse ser uma melhor versão de mim mesmo.

Alguns já me falaram que o título de doutor concede liberdade. Alguns se referem a ele como uma carta de alforria. Minha percepção é que esta afirmação não é totalmente verdadeira. Parece que a liberdade é das amarras e demandas do processo doutoral, da obrigatoriedade de obedecer a alguém em um nível hierárquico e superior. Na verdade, após o doutorado, pelo que relatado pelos peregrinos que já chegaram até o final da jornada, a cobrança é maior. Seja pelos empregadores, seja pelas pessoas que agora se referem a você pela alcunha de doutor. O aprisionamento, em minha opinião, continua. Os periódicos estão dispostos a escutar, em sua grande maioria, apenas os semelhantes. Aos divergentes, quanto muito, são concedidas pequenas oportunidades para não dizer que o ambiente acadêmico não admite a diversidade. No entanto, as amarras continuam quando da submissão de artigos para periódicos de alto impacto: de onde você fala, quem fala com você, quais as lacunas, quais as contribuições? O mesmo círculo vicioso liderado por um maquinista de roda-gigante que te faz retomar ao lugar onde tudo começou.

Entrevistar João me fez lembrar que eu não estou só, ainda que me sinta só. Observar as valiosas observações daquele que percorreu este caminho tantas vezes, na grande maioria das vezes como orientador, me fez perceber que a construção de uma tese é relativamente simples de entendimento, mas de difícil operacionalização. Simples porque a estrutura segue uma sequência lógica, comum aos trabalhos: “premissa, pressupostos, hipóteses, problemas e objetivo”. Difícil porque traduzir tudo isto em conhecimento é complexo e sujeito a avaliação de outros doutores de abordagens epistemológicas diferentes, ou seja, dependente do caráter subjetivo.

Nesta autorreflexão percebo, ainda mais, que as relações no processo doutoral são importantíssimas. Quando falo de relações, falo de relações positivas, seja com os colegas com quem formamos parcerias, seja com o orientador(a) com quem compartilhamos até quatro anos de nossas vidas. Eu acredito que a relação ideal entre orientador(a)-orientando(a) deveria ser de mentoria positiva. De mentoria positiva porque estabelece uma fundação de confiança, respeito e de admiração. Todas as adversidades e desafios do processo doutoral podem ser facilmente mitigados quando as palavras do orientador(a)-mentor(a) estimulam o aprendizado e denotam confiança na capacidade do doutorando(a) de realizar ou de desenvolver competências essenciais. Ainda que compreenda que a maioria das relações não estão configuradas nesta dinâmica, percebi que eu quero ser um orientador-mentor. Eu quero

ser capaz de inspirar meus orientandos, principalmente na adversidade para que eles se sintam fortalecidos e que possam respirar mais profundo nos momentos de desconforto.

Eu quero ser o apoio e o amparo, mesmo quando o processo não lograr sucesso, pelo menos o sucesso esperado. Eu quero aprender com o desejo e a vontade de meus orientandos, com o entusiasmo que eles geralmente têm, pelo desejo de querer mudar o mundo. Compreendo que estas emoções precisam ser controladas, podadas e alguns vezes reconfiguradas, mas quem melhor do que todos nós que já passamos pelo processo para entender todos estes anseios e desejos? Eu desejo que eu não possa me esquecer destes sentimentos e que eles sejam a força motriz que me move como orientador. Um mantra repetidamente tocando em meu inconsciente... que eu sempre me lembre ao olhar para meus orientandos que eu sou uma outra versão deles mesmos.

As palavras do professor João ecoaram durante grande parte da noite, a vela já estava quase toda consumida. Percebi que a fragmentação do trabalho de tese apresentado por ele é bastante consistente (premissa, pressupostos, hipóteses, problemas e objetivo) e que pode me fortalecer durante toda a peregrinação. Melhor, pode me inspirar em minhas atividades acadêmicas. Há muito que quero aprender, principalmente no que se refere ao aprofundamento dos métodos de pesquisa (qualitativos e quantitativos). Eu quero ser moldado pelo meu objetivo de pesquisa e não moldar o objetivo pela minha incapacidade de trabalhar de forma múltipla. Eu quero estar pronto para receber diversos peregrinos com anseios e expectativas distintos. Descobri, neste momento, que um dos meus papéis enquanto docente/pesquisador é o do serviço. Eu quero servir, ainda que não de forma totalmente altruísta, pois nem todos os assuntos me interessam. No entanto, estarei disposto a ouvir, quem sabe eu não me surpreenda no caminho. Às vezes é preciso perder algumas coisas para encontrar outras.

#### **Quarta Parada: reflexões pessoais**

A maioria das pessoas que vivencia a vida acadêmica sofre as dores de sua exclusão. A frase pode parecer estranha, mas reflete, em minha experiência, os augúrios que ecoam nos corredores mentais dos acadêmicos. Há aqueles que acreditam que a academia é um lugar separado, privilégio de poucos, que deve se proteger do mundo exterior. Entretanto, parece que a academia se protege também de seus pares, ou pelo menos, dos que deveriam ser seus aliados. Neste sentido, exclui muitos, que frequentam por direito ou por usufruto, do seu protegido olimpo.

Esta exclusão é guardada por dois porteiros denominados Rigor e Relevância. Antes de defender minha opinião, gostaria de esclarecer que tanto rigor e relevância são importantes para a construção da ciência. Minha reflexão não é em relação ao resultado, mas ao processo. Explico. Rigor e Relevância guardam os portões do olimpo acadêmico devido à erosão das relações de confiança entre os acadêmicos-praticantes e acadêmicos-acadêmicos. Os

praticantes, em geral, apenas ignoram os acadêmicos, submetendo-se ao olimpo em casos de extrema necessidade. A academia enquanto olimpo configura um lugar distante, quase inimaginável, liderado por deuses e deusas que, por mera liberação de suas vontades, decide com quais “mortais” irão se relacionar. E mais, apenas os filhos destas relações, os denominados semideuses, são admitidos à visitação do olimpo acadêmico. O olimpo acadêmico se tornou um ambiente de privilégios e amigos (e de inimigos, mas ninguém ousa sussurrar esta verdade).

A erosão das relações de confiança entre acadêmicos-praticantes é antiga. Os praticantes declaram que são anteriores aos acadêmicos e que, na verdade, são o campo fértil onde os deuses acadêmicos adoram se divertir. Neste sentido, pare estes, são os deuses que dependem deles. É uma espécie de relação poética barroca, onde os praticantes exigem dos acadêmicos sua benevolência. Os acadêmicos, em contrapartida, se declaram separados, superiores e independentes dos praticantes. A história oral relata que os acadêmicos foram um dia meros praticantes que ascenderam por mérito (ou por força) ao patamar de deidades. A história é tão oculta e silenciosa que muitos que ocupam os tronos no olimpo se esqueceram de sua genealogia mortal.

A erosão das relações entre acadêmicos-acadêmicos é mais velada. Poucos são os deuses que se opõem a outros deuses direta e pessoalmente. Nesta guerra silenciosa, os porteiros Rigor e Relevância se configuram em armas poderosas. Rigor e Relevância personificam Éris<sup>3</sup> jogando o pomo de ouro no olimpo acadêmico. Neste sentido, a inscrição no pomo não foi *kallisti* (à mais bela) como na história original, mas “ao mais inteligente”.

Rigor é um jovem guerreiro que protege os portões com uma navalha de dois cortes. O primeiro fio de corte se chama teoria, o segundo metodologia. Rigor quando usa o fio das questões teóricas identifica como o referencial teórico é incluído ao longo do texto científico. Minha orientadora de mestrado, de forma lúdica, nos instruía que este porteiro envia convites para uma grande festa (autores incluídos no referencial teórico) para depois verificar se eles foram chamados para dançar (usados na análise dos resultados). O que percebo é que muitos convites são lançados, mas poucos acadêmicos são cortesês para ser anfitriões de seus convidados. O cenário pior é quando estes acadêmicos convidam para dançar os penetras das festas.

O fio de corte das questões metodológicas verifica a confiabilidade da coleta e análise dos dados. Este é o fio mais utilizado por este porteiro. Neste processo reflexivo, repetidamente me pergunto com que critérios este fio cortante é utilizado. O que percebo são cortes parciais mediados pelo paradigma preferencial do porteiro (neste caso, avaliador de artigos, trabalhos de dissertação e tese). Em outras palavras, a navalha se acostuma a cortar um grupo específico de materiais, menosprezando outros com texturas e composições diferentes. Assim, quem

---

<sup>3</sup> Éris, na mitologia grega, era a deusa da discórdia. Desprezada pelos pais, se casa com um Titã com o qual teve quatorze filhos, cada um com um poder maligno.

guarda este porteiro? Sua voz é sempre soberana? Ele é retroalimentado pelo pedinte, solicitando passagem para o olimpo acadêmico. Neste caso, a voz do porteiro é sempre determinista, ora benevolente (apresentando contribuições e melhoramento para os trabalhos submetidos e/ou avaliados), ora esquizofrênica (negando pelo simples fato de ser diferente do seu modelo preferencial de enxergar a ciência).

Relevância é um velho sábio que guarda os portões com um cajado benevolente. Este cajado abre mais passagem do que impede pedintes de caminhar até o olimpo. A experiência de Relevância permite que ele reflita: Para qual deus este pedinte está pedindo passagem? O que ele argumenta é relevante para quem? Há tantos deuses no olimpo que Relevância receia agradar uns e desagradar outros. Este porteiro já viveu o suficiente para conhecer a fúria dos deuses, mas, principalmente, porque guarda um segredo, fruto de sua observação ao longo dos séculos: muitos deuses tem uma visão muito subjetiva da relevância e até certo ponto limitada. Este porteiro percebe que os deuses sabem claramente o que é relevante para o olimpo. A questão primordial é que estes deuses acreditam que, também, sabem o que é relevante para os praticantes. Como estes deuses sabem o que é melhor para os praticantes quando estes, quase nunca, são consultados sobre o que é importante para eles? Na verdade, para muitos praticantes o olimpo acadêmico é um lugar mitológico, ultrapassado e desacreditado. Um lugar onde moram os deuses esquecidos.

Relevância é na verdade um porteiro democrático e complacente. Ainda que ele acredite que as contribuições do pedinte a passagem ao olimpo devam ser de caráter prático, teórico e metodológico, está disposto a aceitar apenas uma das contribuições. Na verdade, só é rejeitado por Relevância quem não apresenta nenhuma contribuição. A grande questão é: quem decide o que é relevante? Aparentemente, Relevância se esquia desta responsabilidade, transferindo-a para o conhecimento gerado pelos deuses para os deuses.

A última frase do parágrafo anterior reflete uma inquietação muito pessoal. Os resultados dos trabalhos de pesquisa geralmente apresentam relevâncias práticas. Estas são, na verdade, (da forma como são feitas em sua grande maioria) relevantes para a academia e apresentadas, em minha opinião, como *mea culpa* por supostamente não atender as demandas da sociedade, uma vez que a academia, em alguns muitos casos, se fecha nela mesma, partindo de interesses de pesquisa que pertencem ao seu universo particular. Assim, suspeito que, talvez, a academia deveria reconhecer e assumir sua condição de gerar conhecimento a partir do rigor teórico e metodológico. Desobrigando-se de assumir compromissos com a prática.

Meu pensamento pode parecer um pouco radical para o leitor: ou academia ou praticantes. Na verdade, ainda que não tenha uma resposta formada e bem estruturada, tenho, na verdade, observação de quem já esteve imerso em ambos os ambientes para afirmar que tanto a academia quanto os praticantes não se importam com as opiniões uns dos outros. Na verdade, ambos existem independentemente.

De um lado temos os ditames dos deuses e do outro, os praticantes rebeldes que se recusam a ouvir a voz das divindades. Estes últimos alegam a baixa relevância dos conselhos dos deuses para os desafios que enfrentam em seu dia-a-dia. Relatam que as predições dos deuses não são para eles e pouco refletem a dinâmica da vida no mundo material, onde raros deuses caminham e conhecem suas sendas.

Durante essa peregrinação, tive a oportunidade de conhecer os porteiros do olimpo. Debatesmos que a finalidade do sistema de educação superior é de produzir, promover e difundir conhecimento relevante à sociedade. Este conhecimento deve perpassar tanto pelo rigor quanto pela relevância científica. O trajeto da relevância ao rigor parece ser insignificante para grande parte do conhecimento produzido no Brasil.

Conhecimento bom virou sinônimo de conhecimento balizado pelo rigor metodológico. Eu acredito que rigor, neste caso específico, o metodológico, se traduz em ponto importante para a construção do conhecimento, porém não é o único. Há também a relevância, as contribuições, inovações, etc. O que percebo na ciência brasileira é a necessidade de ideias inovadoras e criativas. Contudo, o que se observa (no Brasil) são perfis de replicação do conhecimento. Em outras palavras, reproduções do conhecimento produzido no estrangeiro para a realidade brasileira. Muitos pesquisadores no Brasil não têm encontrado o *gap* de pesquisa nas suas áreas de atuação. Por esta razão não temos muito brasileiros (que atuam em universidades brasileiras) publicando em *journals* de grande impacto.

Nesse aspecto, os modelos de doutoramento no Brasil deveriam reproduzir, em parte, os esquemas europeus, onde o fazedor de tese, responde de forma preponderante pelo que produziu. Neste sentido, o doutorando deveria ser livre para escolher sua temática de tese e seus caminhos de rigor sem a necessidade de constantemente realizar oferendas para não desagradar os deuses.

O doutorando é um candidato ao olimpo acadêmico. Ele deve ser percebido e tratado como um candidato legítimo. Após ser desafiado pelos deuses, deverá ser testado, interrogado, provado e caso seja provado digno, admitido ao olimpo. Todo doutorando, assim como todo herói, sabe que a caminhada não é livre de desafios. Há grandes provações e obstáculos que precisam ser sobrepostos. Estes já são o suficiente para redimir o suplicante a admissão ao olimpo. Não há necessidade de devaneios alheios no processo. A jornada já é o ensinamento. Neste processo quando mais sábio for o suplicante, ouvindo de forma atenciosa outros peregrinos e principalmente os guardiões dos portais, maior são as chances de êxito. Os deuses? Só escutam a quem querem.

Quando eu iniciei esta peregrinação três perguntas me incomodavam: De onde vim? Para onde vou? Qual é o propósito disto tudo? Agora, depois destas experiências, me sinto mais confortável para esboçar respostas preliminares. Eu vim de vários lugares e por todos eles, sou, eternamente, grato. Vim inicialmente de uma universidade pública, trocada por uma particular depois de uma experiência internacional. Vim de um mestrado profissional, desacreditado por

muitos, mas de grande valor para a definição de quem sou. Foi lá que aprendi o que pesquisar significa. Foi lá que aprendi a amar a pesquisa e me encantar por ela. Foi lá que consegui sistematizar o conhecimento e organizar ideias. Para onde vou? Vou para a realização de um sonho, pois eu sou mais do que revelo e mais do que é possível ser enxergado. Eu vou para o infinito e além como dizia o *Buzz Lightyear* no filme *Toy Story*. E qual o propósito disto tudo? Ah, isto eu ainda estou descobrindo... A noite já se tornou tão quieta que minhas reflexões decidiram, pelo menos, por agora, se entregar a Morfeu<sup>4</sup>, porque amanhã a peregrinação continua...

## REFERÊNCIAS

- Bianchetti, L., & Machado, A. M. N. (2006). A Bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escritas de teses e dissertações. In *A Bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escritas de teses e dissertações* (pp. 408-408).
- Cones, J. D., & Foster, S. L. (2006). *Dissertations and theses from start to finish*. 2. Ed. Washington: American Psychological Assotiation.
- De-Miguel, M. (2010). La evaluación de tesis doctorales. Propuesta de un modelo. *RELIEVE-Revista Electrónica de Investigación y Evaluación Educativa*, 16(1).
- Doloriert, C., Sambrook, S., & Stewart, J. (2012). Power and emotion in doctoral supervision: Implications for HRD. *European Journal of Training and Development*.
- Eco, U. (2007). *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Barcarena: Editorial Presença.
- Monebhurrun, N., & Varella, M. D. (2013). *O Que é Uma Boa Tese de Doutorado em Direito: Uma Análise a Partir da Propria Percepcao Dos Promgramas*. *Braz. J. Pub. Pol'y*, 3, 424.

---

<sup>4</sup> Morfeu, na mitologia Grega, era o deus do sono.